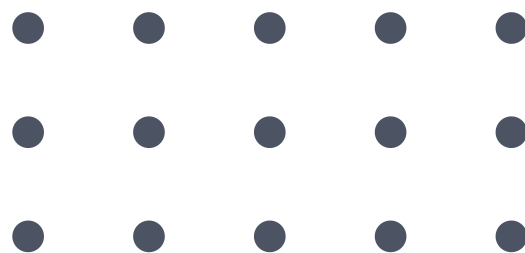


PESQUISA UPEI 2023



**PESQUISA SOBRE A
SITUAÇÃO DOS
UNIVERSITÁRIOS
INDÍGENAS NO
BRASIL 2023**

Índice



03

Histórico

04

Metodologia

05

Identificação dos Respondentes

08

Família e Domicílio

09

Assistência e Permanência

14

Experiência na Universidade

16

Fluxo de Vida e Línguas

20

Acesso à Universidade

21

Conclusões



HISTÓRICO

Em fevereiro de 2023, os estudantes da **UPEI** – União Plurinacional dos Estudantes Indígenas, a primeira associação de estudantes indígenas do Brasil, criada em 2022 durante o IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), procurou o Centro de Antropologia de Processos Educativos (**Ceape/Unicamp**) para que os ajudássemos a montar um **questionário** destinado a captar diversos aspectos da **experiência de estudantes indígenas** em universidades públicas no Brasil. Dado o novo cenário político em princípio favorável às suas pautas, com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2023 e a criação do Ministério dos Povos Indígenas, a UPEI queria levantar informações para ajudar no diálogo com o novo Governo Federal. No Ceape, no âmbito do projeto Indígenas no Ensino Superior já havíamos elaborado um questionário com intuito de aplicá-lo a estudantes da Unicamp, UFSCar e PUC-SP. Em conjunto com os estudantes da UPEI, adaptamos então o instrumento para os fins desejados.

Todas as fotografias apresentadas são do IX Enei e fazem parte do acervo de imagens da UPEI.



METODOLOGIA

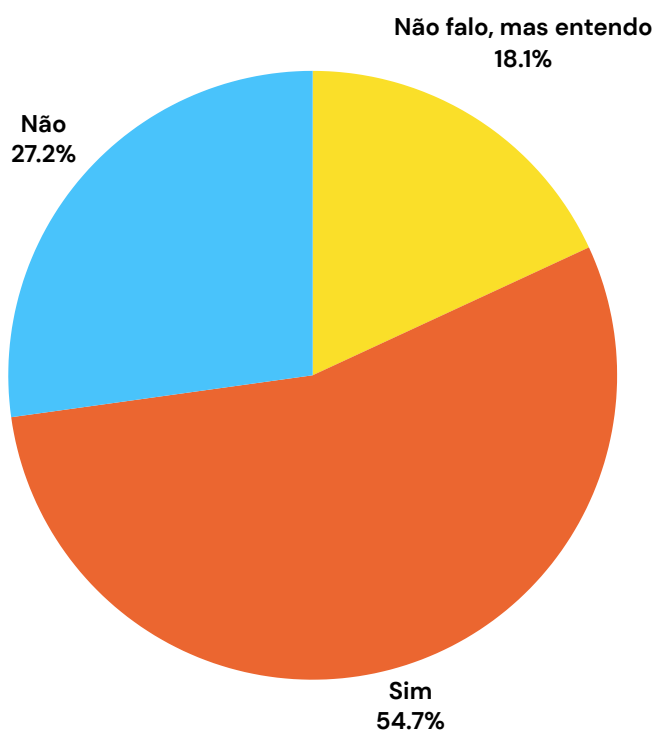
O questionário foi elaborado num Google Forms e o link foi enviado pelos próprios estudantes da UPEI em suas **redes sociais e grupos de Whatsapp**. As perguntas foram organizadas em eixos a) Identificação pessoal e do curso, b) Família e domicílio, c) Assistência e permanência, d) Fluxo de vida e línguas, e) Acesso à universidade. Ele pode ser visualizado na íntegra nesse [link](#). Em duas semanas, de 6 a 20/02/2023, o questionário foi respondido por **480 estudantes** de universidades federais e estaduais de todas as regiões do País. Esse método não garante a representatividade dos estudantes indígenas no ensino superior, mas permite conhecer aspectos que concorrem para a permanência desses estudantes. O que apresentamos, portanto, é uma **pesquisa exploratória**, que não pretende caracterizar o conjunto de estudantes indígenas das universidades públicas brasileiras, mas **sugerir aspectos significativos de seu perfil e de sua experiência universitária**, aspectos que merecem ser melhor investigados para que possamos compreender dinâmicas que influenciam em sua permanência e bom desempenho no Ensino Superior. O foco nas universidades públicas não foi decidido a priori, mas devido às redes em que o questionário circulou, obtivemos poucas respostas de estudantes de universidades privadas, o que não nos permitiu incluí-las na análise.



IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONDENTES

A maioria dos participantes da pesquisa (69,6 %) nasceu em uma **terra indígena**, fora do contexto urbano. Praticamente a metade (46,2%) teve como primeira língua uma língua indígena, e a maioria declarou saber atualmente falar uma língua indígena.

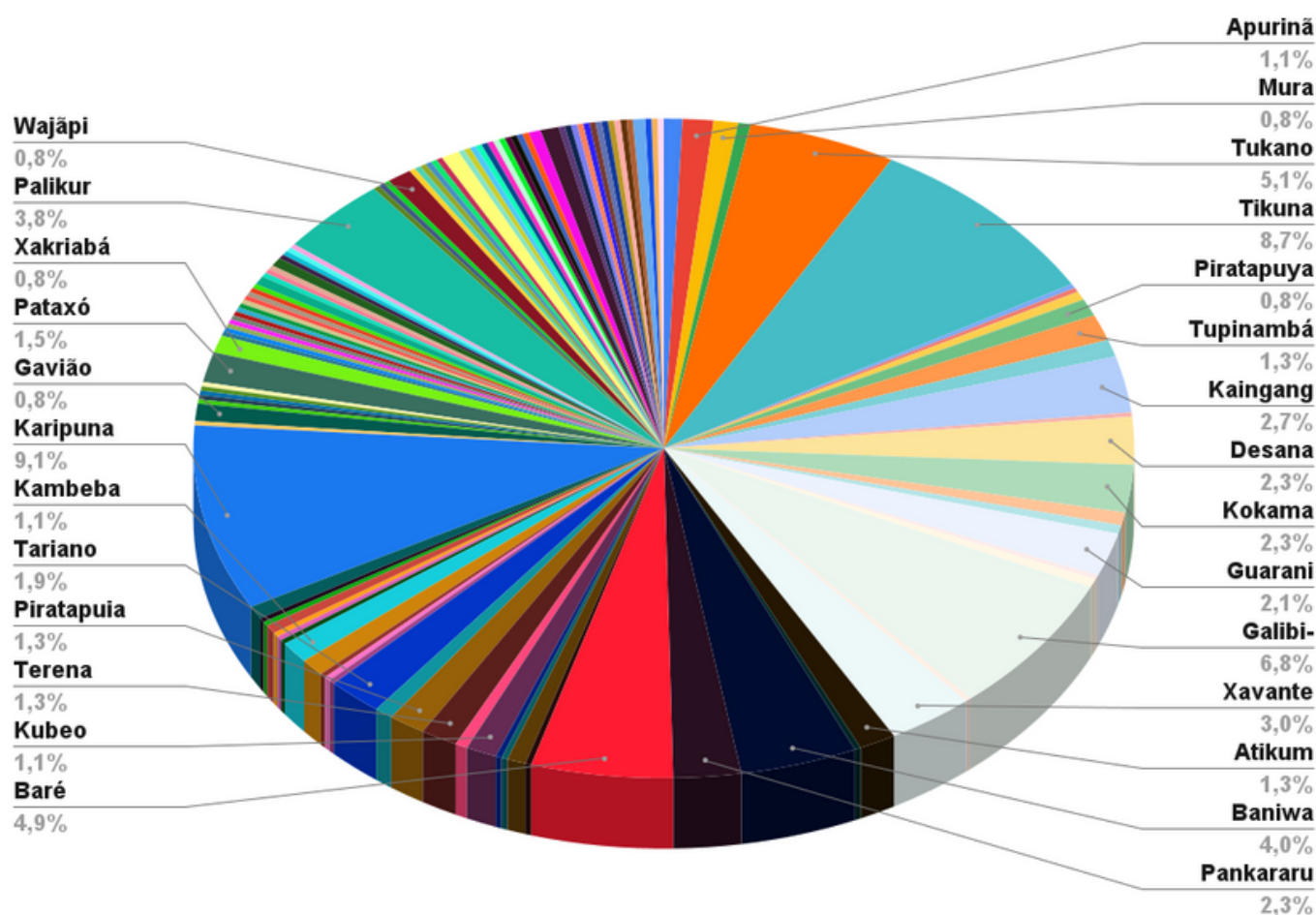
VOCÊ FALA UMA LÍNGUA INDÍGENA?



A maioria dos participantes (**70,6%**) nasceu em um estado da **Região Norte**, sendo os mais representados o Amazonas (42,2% dos respondentes) e o Amapá (22,6%), seguidos, de longe, pois dois estados da Região Nordeste, Pernambuco e Bahia, cada um com 5,5% dos respondentes. Os dois municípios de nascimento mais indicados são **São Gabriel da Cachoeira**, no Amazonas (22,7%) e **Oiapoque**, no Amapá (17,3%).

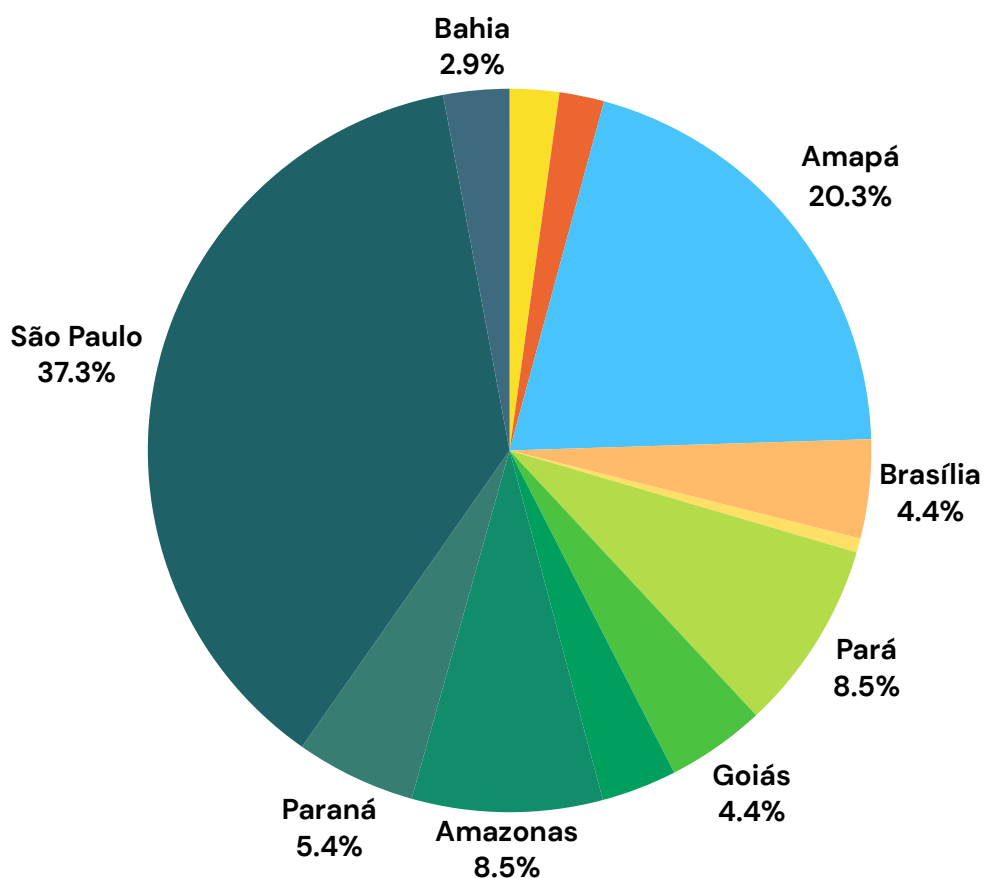
Entre os povos indicados pelos participantes também se vê uma maioria de povos cujos territórios estão situados na **Região Norte** do país.

POVOS



Dentre os respondentes, **77%** estão matriculados em universidades federais e **23%** em universidades estaduais. Com relação aos estados onde estudam, vemos que o mais representado é o estado de **São Paulo**, o que indica um **fluxo de mobilidade** destes estudantes que são, em sua maioria, como vimos, da **região Norte**, para o Sudeste para estudar. Esse fluxo aparece também quando se analisa os dados do Censo da Educação Superior ([link](#))

ESTADOS ONDE ESTUDAM





FAMÍLIA E DOMÍCÍLIO

Um dos desafios enfrentados pelos universitários indígenas é viver **longe de seus familiares**, inclusive filhos, enquanto estudam. Os *campi* das universidades públicas ficam, em sua maioria, em capitais ou cidades grandes **distantes dos territórios**. Além disso, as oportunidades de vestibulares indígenas em regiões que não a de origem dos estudantes incitam à **mobilidade**. Com os altos custos das viagens, é comum que fiquem longos períodos (em alguns casos, anos) sem voltar ao território. Além disso, muitos estudantes indígenas **têm filhos** e frequentemente não conseguem trazê-los para morar consigo enquanto estudam.

74,6% Mudaram de cidade para estudar

49,7% Têm filhos

53,3% Dos estudantes com filhos, não moram com os filhos no contexto universitário

89,3% Contam com a ajuda da família e amigos para viajarem para sua comunidade de origem



ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA

Nas universidades federais, o **Programa Bolsa Permanência** garante uma bolsa mensal cujo valor era de 900 Reais até fevereiro de 2023, quando foi realizada a pesquisa. A partir de março de 2023, o valor passou a 1.400 Reais mensais. A maioria das universidades estaduais concedem também bolsas com valores em torno de 900 a 1.100 Reais mensais. Os participantes da pesquisa consideraram **insuficientes** esses valores para estudar com tranquilidade, visto que não podem contar com apoio financeiro dos pais. Seria interessante refazer essa pergunta com o novo valor do Bolsa Permanência após março de 2023. Sabemos que a situação dos estudantes que moram com os filhos é ainda mais difícil e poucas universidades implementaram um valor maior de bolsa para estudantes com filhos.

76,2%

Não recebem suporte econômico da família

71,5%

Consideram a falta de recursos financeiros o principal entrave para um melhor desempenho acadêmico

88,3%

Dos que recebem bolsa consideravam, em fev. 2023, o valor insuficiente para permanência na universidade

Uma questão que os estudantes da UPEI fizeram questão de inserir foi sobre a abertura ou não dos **restaurantes universitários (RU) aos finais de semana**. Essa demanda está diretamente associada à avaliação da insuficiência do valor das bolsas. E apenas um terço dos estudantes indicaram que os RU's das universidades onde estudam ficam abertos.

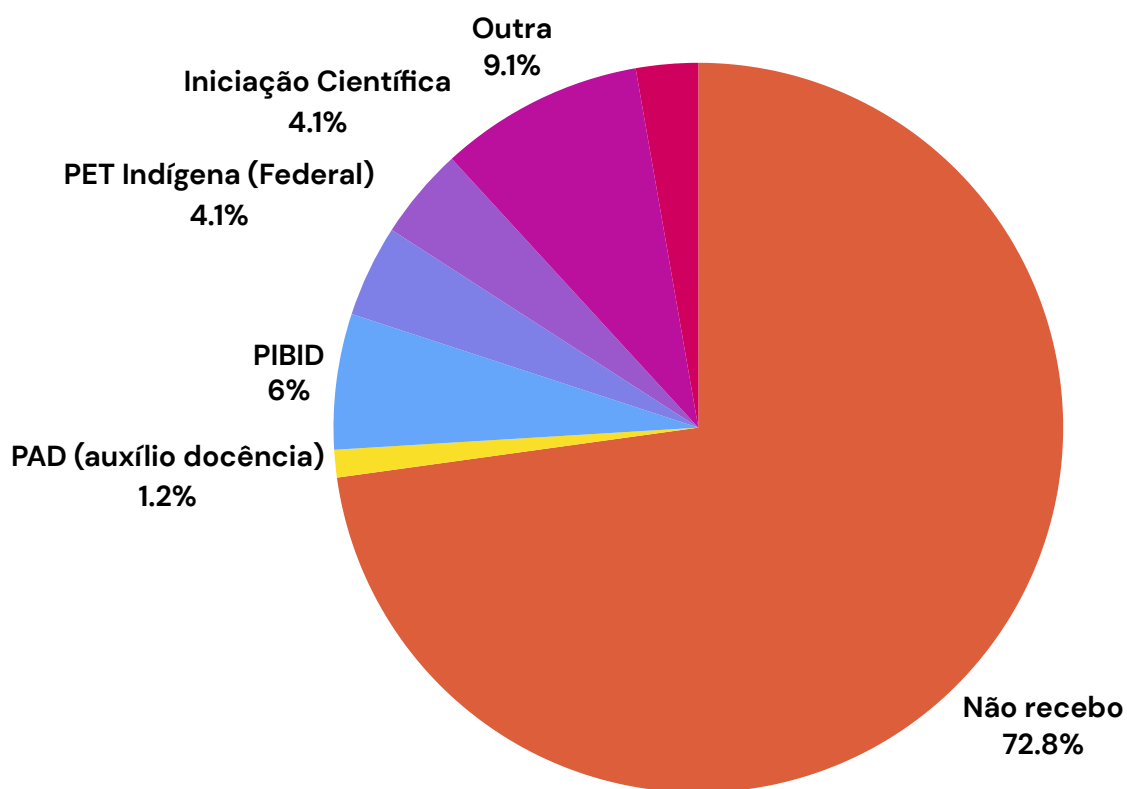
Com relação aos equipamentos utilizados para estudar, vemos que praticamente a metade dos respondentes contam **somente com o celular** para estudar. Fica evidente a importância de um programa de doação ou empréstimo de notebooks, hoje um equipamento indispensável na vida universitária.

EQUIPAMENTO UTILIZADO PARA ATIVIDADES ACADÊMICAS



Ainda nessa sessão sobre assistência e permanência, queremos chamar a atenção para a **baixa participação em atividades de pesquisa** dos respondentes. Realizar uma pesquisa de Iniciação Científica favorece a aprendizagem dos códigos acadêmicos.

VOCÊ RECEBE BOLSA ACADÊMICA?



COMENTÁRIOS SOBRE DESEMPENHO ACADÊMICO

Por fim, selecionamos alguns comentários feitos em uma **pergunta aberta** sobre fatores que consideram importantes para terem um bom desempenho acadêmico. Eles trazem precisões sobre pontos já apresentados (insuficiência de recursos financeiros, falta de equipamentos adequados, necessidade de maior apoio acadêmico) e trazem novos elementos, como a importância de ter quem cuide dos filhos para poderem estudar e também de poder trazer a família para a cidade da universidade, ou ainda a demanda por serviços de saúde mental, por moradia para estudantes indígenas e por cursos de língua estrangeira.

QUE FATORES VOCÊ CONSIDERA QUE PODERIAM MELHORAR SEU DESEMPENHO ACADÊMICO?

"Tem o fator dos meus filhos morarem comigo e não tenho com quem deixá-los. Isso atrasou muito meu curso porque só posso pegar aulas no horário que eles estão na escola e meu curso é integral. Isso faz meu rendimento cair todo semestre." (estudante da UFG, mulher)

“Que a universidade nos entregasse os notebooks para estudar, tanto na faculdade, como em casa. Meu celular foi levado pela enchente junto com roupas, comida, alguns móveis e com isso, eu só tirava 10, passei a tirar 7, 8. Nenhum 10 eu consegui tirar mais, porque o celular que comprei pra estudar, trava muito, enche a memória, tenho que apagar e depois salvar pra estudar novamente, complicado.” (estudante da UFSB, mulher)

“Queremos total apoio financeiro para poder estudar e poder trazer a família para a cidade da faculdade.” (estudante da UFAM, homem)

“Ter uma comissão permanente institucional e reapresentação Indígena, para cuidar do acesso e permanência dos estudantes Indígenas” (estudante da UFSM, mulher)

“Curso de língua estrangeira durante o curso com carga horária no histórico escolar” (estudante da UNB, mulher)

“Ter uma moradia específica para estudantes indígenas” (estudante da UFCS, homem)

“Não consigo acessar as políticas públicas de saúde mental por causa da dificuldade e burocracia do município de Campina Grande. E a universidade também não me oferece nenhum tipo de apoio.” (estudante da UEPB, homem)



EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Apesar dos desafios acima elencados, **70%** dos participantes da pesquisa avaliam como bom seu desempenho acadêmico. Quase um terço deles participa de alguma organização política ou coletivo estudantil. As situações de preconceito são indicadas por quase 40% dos respondentes. Na página seguinte selecionamos trechos de uma pergunta aberta sobre a questão.

70%

Avaliam seu desempenho acadêmico como bom

28,5%

Participam de alguma organização política ou coletivo

36,9%

Afirmam já ter sofrido algum tipo de discriminação na universidade

COMENTÁRIOS SOBRE DISCRIMINAÇÃO NA UNIVERSIDADE

“De modo geral, sempre somos excluídos dos trabalhos em grupo e alguns professores nos veem como exóticos. Houve um episódio muito marcante em que um professor me expôs diante da sala por ser indígena. Me olhando dos pés à cabeça disse ‘você é indígena mas é uma indígena aculturada’. Desisti da disciplina e reprovei por nota.” (estudante da UFRGS, mulher)

“Vejo que a discriminação não acontece só fisicamente, mas através de olhares, o modo de como os colegas da turma de tratam, não te incluem em trabalhos em grupo, são coisas que muitas vezes acabam deixando a gente pra baixo. Isso acontece sutilmente ao decorrer da vida acadêmica.” (estudante da UFSCar, mulher)

*“As faxineiras da universidade falam que somos fedidos.”
(estudantes da UFGD, mulher)*

*“A discriminação que vivi é geralmente por não saber pronunciar direito as palavras em português. Eu falo português como segunda língua, então eu falo mal e às vezes eles riem quando eu falo.”
(estudante da UNIFAP, homem)*

“Já sofri por parentes indígenas e não indígenas que alegam que ser indígena é somente que têm cabelo liso, olhos puxados, cor da pele não pode ser muito escura e altura baixa.” (estudante da Unicamp, mulher)



FLUXO DE VIDA E LÍNGUAS

A pesquisa constatou um **fluxo migratório para contextos urbanos** conforme os estudantes vão avançando no nível educacional. Antes de ingressar na escola, 74% dos respondentes viviam em uma comunidade ou aldeia (zona rural). Durante o Ensino Médio, esse número cai para 55,4%. Mesmo tendo deixado a aldeia ou comunidade, a maioria dos participantes da pesquisa continuou **ajudando os pais em seus roçados** enquanto cursava o Ensino Médio.

74%

Vivia em comunidade/aldeia (zona rural) antes de entrar na escola

55,4%

Vivia em comunidade/ aldeia (zona rural) durante o Ensino Médio

66,8%

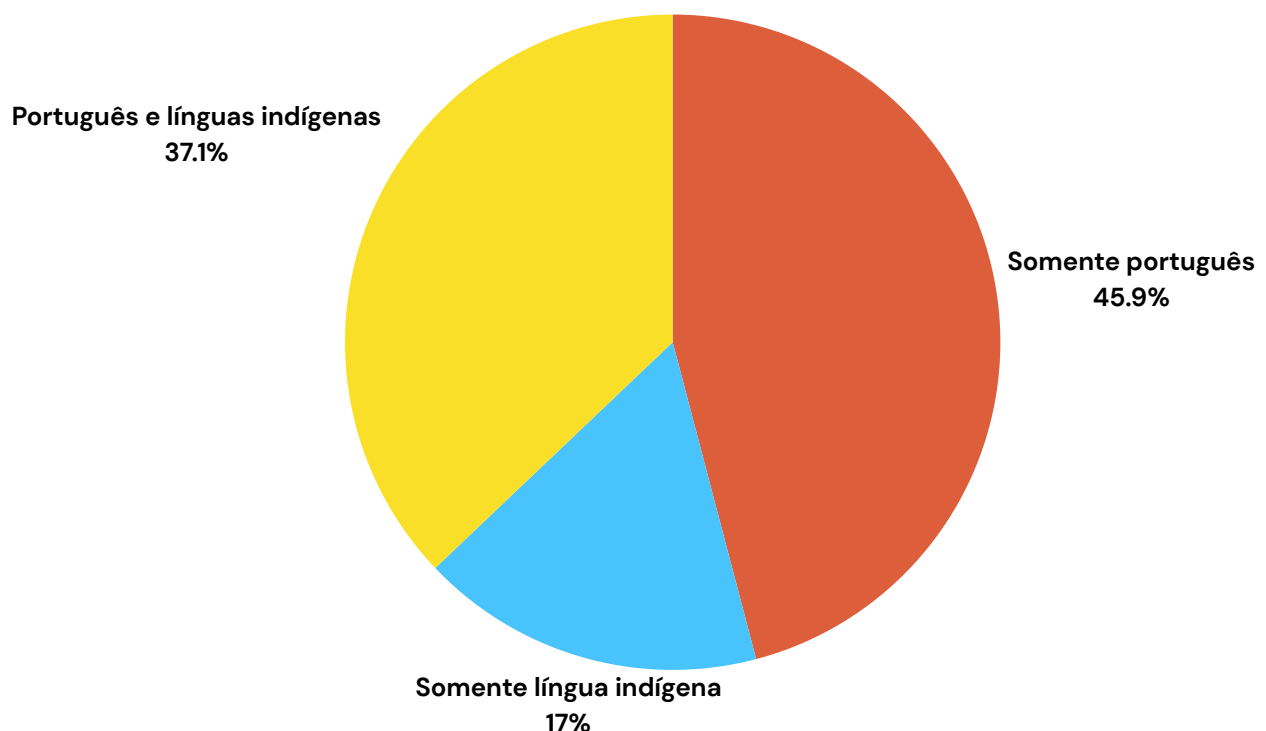
Trabalharam durante o Ensino Médio

72,5%

Dos que trabalhavam, ajudavam os pais no roçado

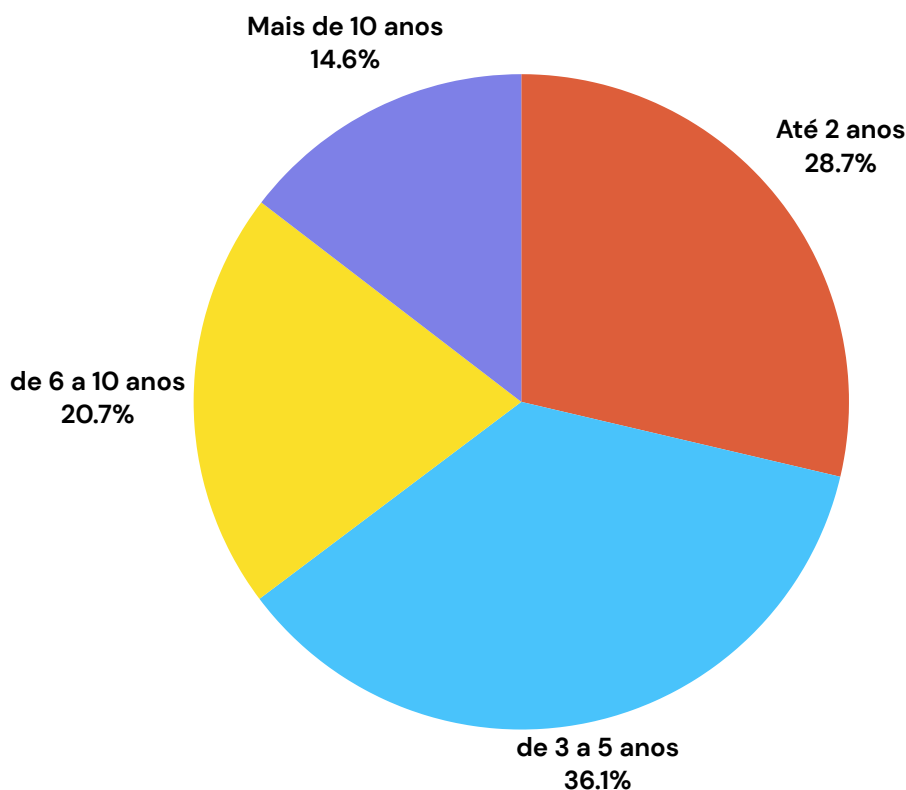
Com relação às línguas faladas também se vê, como era esperado, um **aumento do uso do português** com o avanço da escolaridade e uma diminuição do número de pessoas que falam somente línguas indígenas. Vale, no entanto, notar que mesmo no Ensino Médio, **17%** dos respondentes indicou que não falava o português no cotidiano, mas **somente uma ou mais línguas indígenas**. Sabendo que o pouco domínio da língua portuguesa é um fator que dificulta o desempenho acadêmico no Ensino Superior tal como ele é majoritariamente organizado atualmente, esse dado sugere a importância da oferta de **cursos complementares** de língua portuguesa para universitários indígenas. Ainda, dada a heterogeneidade dos percursos destes estudantes, esses cursos poderiam ser optativos, de forma a não alongar desnecessariamente o tempo de presença nas universidades daqueles que não necessitem desse tipo de apoio.

LÍNGUAS FALADAS DURANTE O ENSINO MÉDIO



Além da grande diversidade geográfica e cultural, a trajetória de vidas dos estudantes também é composta por diferentes experiências antes do ingresso na universidade. Pouco mais de um terço dos estudantes da pesquisa tem um **intervalo de mais de seis anos** entre a conclusão do Ensino Médio e o ingresso no curso atual. Nesse ínterim, a maioria trabalhou e muitos realizaram cursos técnicos ou iniciaram uma Graduação.

ANOS DE INTERVALO ENTRE A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO E INGRESSO NO CURSO ATUAL



ATIVIDADES ENTRE O FIM DO ENSINO MÉDIO E O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

66,5% Trabalhou

12,1% Iniciou e não concluiu um curso técnico

20% Concluiu um curso técnico

10,5% Iniciou e não concluiu uma Graduação em universidade privada

4,5% Concluiu uma Graduação em universidade privada

21,6% Iniciou e não concluiu uma Graduação em universidade pública

5,9% Iniciou e concluiu uma Graduação em universidade pública

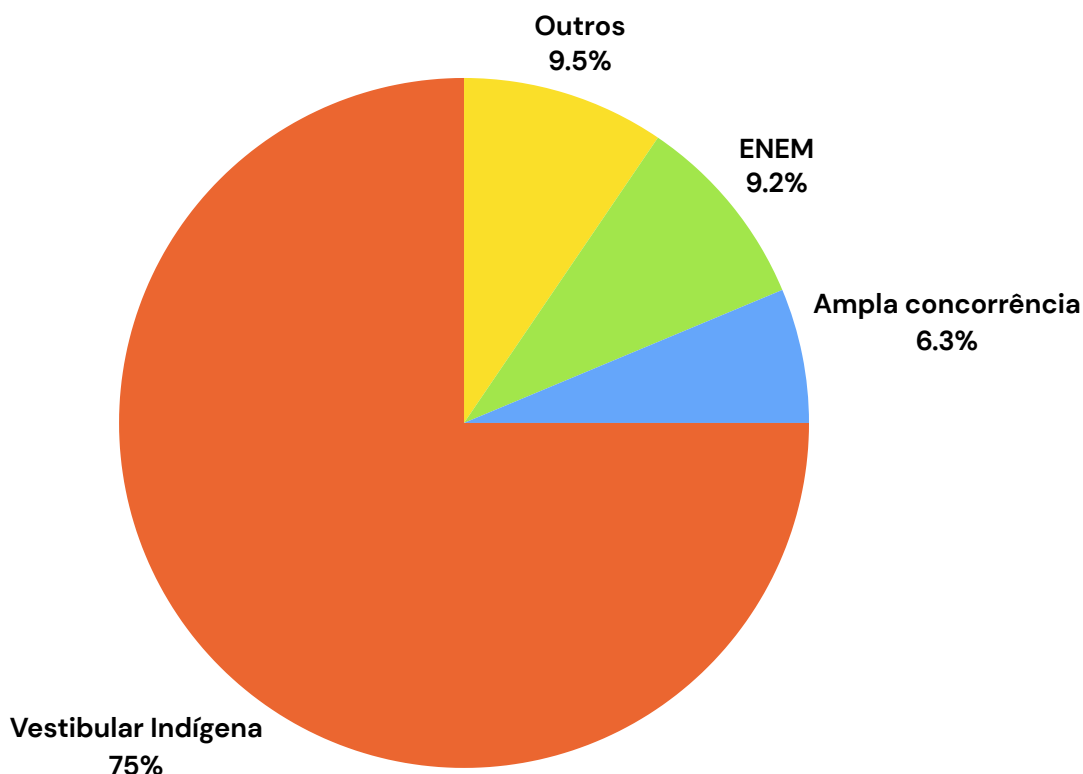
3,1% Atuou no Exército



ACESSO À UNIVERSIDADE

A maior parte dos estudantes que participaram da pesquisa ingressou na universidade via um **vestibular indígena**, ou seja, um processo seletivo específico, concebido exclusivamente para candidatos e candidatas indígenas. Das 109 universidades públicas brasileiras, 31 realizam um vestibular indígena.

FORMA DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE





CONCLUSÕES

O número de estudantes indígenas em universidades no Brasil tem aumentado a cada ano, mostrando o interesse dos indígenas por uma formação de nível superior ([link](#)). Os desafios para que cheguem às universidades e concluam seus cursos com sucesso não são poucos e os próprios estudantes têm criado espaços coletivos de discussão, como os ENEIs (Encontros Nacionais dos Estudantes Indígenas), e se organizado em coletivos ou associações, como a UPEI (União Plurinacional de Estudantes Indígenas), para discutir sobre as condições necessárias à ocupação desse novo território que é a universidade. Esses coletivos têm também atuado junto a gestores públicos e governos, buscando se fazer ouvir e participar da construção de políticas públicas mais adequadas às suas necessidades.

Esse questionário nasceu do desejo de qualificar o diálogo com gestores públicos, produzindo informações que os permitam tomar conhecimento das realidades de universitários indígenas. Essa primeira aplicação, de caráter exploratório, nos permitirá avaliar conjuntamente o instrumento e reestruturá-lo para uma aplicação de maior fôlego. Associados aos diversos estudos de caso que vem sendo publicados sobre a situação de estudantes indígenas em universidades específicas, os dados aqui apresentados já permitem, no entanto, indicar alguns pontos que merecem atenção:

- a necessidade de um maior apoio financeiro em relação a estudantes indígenas tendo em vista a distância da família e dos territórios de origem que a condição de estudante, na maioria dos casos, implica
- a alta proporção de estudantes com filhos e os ajustes decorrentes necessários
- a questão da língua e de como garantir equidade com os demais estudantes levando a diversidade lingüística em consideração
- a importância de um programa de empréstimo ou doação de computadores portáteis para garantir boas condições de estudo
- a importância de programas de incentivo à participação em pesquisa dirigidos a estudantes indígenas

Esperamos que os dados apresentados apoiem a continuidade do debate!